

FORMAS DE MEMORIALIZAÇÃO DA COVID-19 EM PELOTAS - RS

XI Seminário Internacional de Memória e Patrimônio, 11ª edição, de 26/10/2021 a 29/10/2021
ISBN dos Anais: 978-65-89908-75-3

RANGEL; Dani Marin Amparo ¹, NOGUEIRA; Carolina Gomes Nogueira ², SERRES; Juliane Conceição Primon ³

RESUMO

Para este XI Seminário Internacional de Memória e Patrimônio apresentamos um trabalho que pretende traçar reflexões preliminares sobre alguns aspectos referentes às formas de memorialização imediata de um evento traumático de proporções mundiais - da Pandemia da doença por coronavírus (Sars-CoV-2) popularmente chamada de Covid-19 - que até o momento tirou a vida de 4.713.543 pessoas em todo mundo, e de 2.182.373 pessoas nas Américas, concentrando 46,3% de todas as mortes do mundo. No contexto brasileiro foram até o momento 591.440 mortes, que representam 27,1% de mortes nas Américas e 12,5% das mortes no mundo (1). Tal acontecimento vem mobilizando debates em diversas esferas acadêmicas e não acadêmicas, seja pelos impactos diretos causados em todos os campos da vida social e individual, ou por discussões que abordam algo que poderia remeter-se a aspectos posteriores ao evento gerador, como a memória traumática estabelecida por essa situação. Contudo, o evento permanece em ocorrência, sendo este um traço importante para a compreensão dessas mobilizações memoriais.

Para tanto, começaram a surgir, em diversos momentos e em diferentes locais, variadas ações de memorialização dedicadas às vítimas. De modo que tal comportamento social poderia ser compreendido a partir de alguns vieses, como o proposto por Rousso (2014), que defendeu a globalização da memória, fazendo com que as sociedades da atualidade compartilhem entre si indicadores ou formas de memorialização. Desse modo, em contexto mundial e especificamente local - no Brasil - sujeitos ou grupos organizados passaram a articular ações dedicadas a trazer essas memórias para o espaço urbano de formas quase cênicas ou por meio de demarcadores fixados no espaço público. Ações que podem ser lidas a partir do argumento de Doss sobre uma necessidade contemporânea de se ritualizar a morte por meio de novas ações em formatos inovadores (2008). Que para Fernández, Beristain e Páez podem ser compreendidas como parte de condutas sociais extra institucionais (1999), que fazem proliferar “[...] estratégias locais, descentralizadas y/o performativas de marcación de la memoria en el espacio.” (SCHINDEL, 2009, p. 65). Que nos conduz a um recorte que explora essas ações de rua, populares, que lançam mão da arte (SCHINDEL, 2009); criam diversas formas de memoriais temporários (DOSS, 2008); e envolvem essas ações memoriais com os problemas políticos que as cercam (SANTINO, 2006).

Tais proposições nos auxiliam na abordagem desse tema a partir de atos realizados na cidade de Pelotas no interior do Rio Grande do Sul, no ano de 2021. Práticas que envolveram grupos vinculados a diferentes coletivos que organizaram ações em datas que essa cidade atingia números expressivos de vítimas fatais dessa doença. Então, nossa

¹ Universidade Federal de Pelotas, damparodani@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas, nogueiracarolina1996@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas, julianeserres@gmail.com

proposta objetiva trazer à reflexão aspectos desses atos, com suas formas de ocorrência, por meio dos elementos e lugares utilizados; formas de alcance daqueles que seriam o público desses atos; aspectos referentes às filiações políticas e religiosas dos grupos; entre outros traços que influenciam na condução desses atos de memorialização. Dessa forma, por um lado presenciamos atos de forte caráter religioso, como aquele empreendido em abril de 2021 pela comunidade cristã da Igreja do Porto (localizada no bairro Porto), mesclando uma celebração religiosa com uma celebração em memória das vítimas. O ato foi realizado após uma missa com 500 velas brancas que foram acesas no pátio da congregação, em um cenário composto por uma grande cruz de madeira. Ou como outro tipo de ação, de relevante caráter político, realizada no mesmo mês, em reivindicação às vítimas da Covid-19. O sítio de ocorrência foi a rua 7 de setembro (no bairro Centro) em frente ao Chafariz Três Meninas, em localização popularmente conhecida como Esquina Democrática, compondo um varal com cerca de 30 cruzeiros de madeira, pintadas na cor preta e com a inscrição “vítimas” (na horizontal) e “covid-19” (na vertical). Embora tenha ocorrido no âmbito das manifestações políticas contra o governo vigente, até o momento se desconhece sua autoria.

Por fim, são essas nossas proposições iniciais para discutir esses empreendimentos memoriais que se difundem cada vez mais, em alguns casos aliados a outras propostas e formatos, ou em outros com exclusiva ocorrência desse tipo de manifestação popular, eventualmente efêmera e de forte caráter de marcação do espaço.

Notas finais¹ - Dados da OMS, disponível em: <<https://covid19.who.int>>. Acesso em 23 de setembro de 2021.

Referências

DOSS, Erika. *The Emotional Life of Contemporary Public Memorials. Towards a Theory of Temporary Memorials*. 1. ed. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2008.

FERNÁNDEZ, Itziar; BERISTAIN, Carlos Martín; PÁEZ, Darío. Emociones y conductas colectivas en catástrofes: ansiedad y rumor y conductas de pánico. In J. Apalategui (Ed.), *La anticipación de la Sociedad. Psicología Social de los movimientos sociales*. (pp. 281-342). Valencia: Promolibro, 1999.

ROUSSO, Henry. Rumo a uma globalização da memória. *História Revista*, 2014, v. 19, n. 1. p. 265-279, 2014.

SANTINO, Jack. Spontaneous Shrines, Memorialization, and the Public Ritualsque. *Bulletin of Ritsumeikan University Institute of Humanities*, n. 94, p. 51-65, 2010.

SCHINDEL, Estela. *Inscribir el pasado en el presente: memoria y espacio*

¹ Universidade Federal de Pelotas, damparodani@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas, nogueiracarolina1996@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas, julianeserres@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: memorialização, covid-19, manifestações, protestos, pandemia